

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

**MENINA SEM NOME: DA COMOÇÃO À DEVOÇÃO**

Rafaella Valença de Andrade Galvão

Graduanda em História pela UFPE; membro dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões” do Programa de Pós Graduação em História da UFPE e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste – UFPE. E-mail: rafaellavalenca@gmail.com

Sylvana Maria Brandão de Aguiar

Doutora em História do Brasil pela UFPE; Docente do Departamento de História da UFPE; Docente dos Programas de Pós-graduação em História e Arqueologia da UFPE; Docente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste; Líder dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do MPANE/UFPE. Vários livros e artigos publicados; Membro de Instituições de Pesquisa nacionais e internacionais. E-mail: symbay@globo.com

**Resumo**

Esta investigação procura compreender como uma criança violentada, morta e enterrada como indigente no Cemitério de Santo Amaro em Recife, Pernambuco, na década de 1970, torna-se um mito e cada vez mais um fenômeno de devoção. Na época, a repercussão do crime atingiu grande proporção midiática, tanto impressa como em rádios e televisões, gerando grande comoção. De lá para cá, é crescente em seu túmulo a presença de curiosos, mormente de devotos provenientes de diversos rincões do Estado. São atribuídos à “Menina Sem Nome”, que é assim chamada porque sua identidade nunca foi revelada, diversos tipos de milagres que vão desde cura até aquisição de bens; dado que pode ser observado pela tipologia dos ex-votos ofertados. Cabe registrar que esta devoção não se constitui essencialmente católica; há uma confluência de devotos oriundos de várias expressões religiosas, inclusive daqueles que não se definem como religiosos, o que nos faz refletir sobre a pluralidade religiosa em um mundo secularizado no sentido institucional e de reinvenções de expressões de fé, no dizer de Peter Berger. Trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa, bibliográfica e documental de fontes tanto oficiais, quanto advindas da oralidade obtidas através de questionários e entrevistas abertas, bem como iconográficas. Do ponto de vista teórico, fizemos convergir várias lentes de abordagem, quais sejam a História Oral, a Etnohistória, bem como a Etnografia; destacam-se respectivamente as contribuições de Jacques Le Goff, Antônio Montenegro, Verena Alberti, Clifford Geertz, Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão. Este trabalho integra o projeto “Santuários Pernambucanos”, do CNPq/UFPE, bem como os Grupos de Pesquisa “História e Religiões” do Programa

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

de Pós Graduação em História da UFPE e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Orientadora: Profa. Dra. Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

**Palavras-chave:** crime; devoção; mito; Etnohistória.

### **Introdução**

Este artigo traz a proposta de analisar as práticas devocionais que acontecem em torno do túmulo da *Menina Sem Nome*, cujo santuário está localizado no cemitério de Santo Amaro na cidade de Recife, em Pernambuco.

Até onde foi pesquisado, um corpo de criança entre 8 e 10 anos foi encontrado morto na praia do Pina em Recife com indícios de violência, configurada por estupro e estrangulamento em 23 de junho 1970. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/06/1970).

A partir deste episódio, a polícia travou uma corrida para a elucidação do caso que por ser um crime bárbaro envolvendo uma criança, despertou atenção e indignação na sociedade. Paralelamente à investigação criminal e através da mídia, a família da vítima foi convocada para a entrega do corpo, bem como para auxiliar por meio de possíveis informações relacionadas ao comportamento da garotinha, mas ninguém aparece para reclamar a pequena morta. A *Menina Sem Nome* foi sepultada no dia 3 de julho. Na ocasião, o diretor da Casa do Menor ofereceu o funeral. Estima-se que quase mil pessoas acompanharam o enterro.

Três anos após sua morte, portanto em 1973, constatamos por ocasião das atividades de Finados as primeiras publicações que denunciam dedicação religiosa direcionada ao túmulo da garota assassinada (DIÁRIO DE PERNAMBUCO 03/11/1973; JORNAL DO COMMERCIO, 03/11/1973). Doravante, a devoção tornou-se crescente a cada ano, e o túmulo que guarda este corpo sem nome e sem identidade tornou-se uma espécie de santuário. A ela são atribuídos vários tipos de milagre, aqui compreendido como “tão somente a solução de um impasse qualquer, seja este afetivo, financeiro, de dor física. O milagre com solução prática, cotidiana” (BRANDÃO, 2002, p. 358). Anualmente, reportagens respaldam o grau de santificação que as gentes

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

concederam à garotinha. Já se publicou a venda de santinhos, além de entrevistas dando testemunhos de graças alcançadas por intermédio da *Menina Sem Nome*. Esta infante já foi tão visitada, que em seu túmulo foram causados 2 incêndios devido à grande quantidade de velas acessas no local.

Os fiscais do cemitério de Santo Amaro calcularam que, em 1988, mais de 10 mil pessoas visitaram a sepultura da Menina Sem Nome. Na década de 90, já nos chegavam as primeiras informações a respeito de caravanas de devotos provenientes do interior do estado. As notícias da década corrente destacam o crescimento anual de visitas ao túmulo deste fenômeno da devoção popular.

### **Devoção e Etnografia**

A visita ao sepulcro da infante em questão é diária. Entretanto, o Dia de Finados é notadamente a ocasião na qual a incidência dos devotos perante o túmulo da *Menina Sem Nome* é maior. Da Etnografia realizada neste 2 de novembro de 2009, foi possível visualizar as práticas devocionais bem como entrevistar de funcionários do cemitério a devotos; sempre com questões direcionadas ao movimento religioso dedicado à *Menina Sem Nome*.

Nesta primeira experiência, podemos observar os mais variados pedidos, que são deixados em forma de bilhete ou carta. Trata-se de solicitações das mais diversas, que envolvem problemas de relacionamentos, saúde e bens materiais.

Dos ex-votos, podemos destacar grande incidência de casas e partes do corpo humano. Além dos ex-votos, o túmulo apresenta presentes para a criança em questão, como vestidos, pipocas, bombons, pirulitos, bonecas e muitas flores. A quantidade de velas acessas é tamanha, que a administração do cemitério de Santo Amaro designa para o Dia de Finados um funcionário a postos com extintor de incêndio, do qual faz uso várias vezes neste dia para conter o fogo que as velas alimentam. Quanto às

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

expressões religiosas latentes no túmulo, a maioria é católica, mas há também grande incidência de pessoas que praticam religião afro-brasileira, muito embora sejam discretos em seus rituais, como afirma D. Maria de Fátima da Silva (mais conhecida como D. Marisa). Esta senhora se faz presente no sepulcro da *Menina Sem Nome* todo dia 2 de novembro, há 6 anos. Chega por volta das 6:30 horas da manhã e vai embora somente às 6 horas da noite depois de organizar todos os pedidos, ex-votos e presentes.

### **Memória e História Oral**

Sobre o trabalho com a memória, vale aqui considerar a contribuição de Le Goff, que afirmou:

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. (LE GOFF, 1990, p. 368)

A respeito de observações em campo, o antropólogo americano Clifford Gertz, produtor de vários escritos de natureza etnográfica, nos forneceu subsídios analíticos pertinentes ao objeto de estudo em questão. A partir de observações realizadas na cidade de Java, na Indonésia, Geertz edificou a chamada descrição densa.

Quando dizemos que um homem é religioso, ou seja, motivado pela religião, isso é pelo menos parte [...] do que desejamos dizer. Outra parte do que queremos dizer é que ele, quando estimulado de maneira adequada, tem suscetibilidade a certas disposições, disposições que às vezes englobamos sob rubricas tais como “reverente”, “solene”, ou “devoto”. [...] As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia - para não falar do poder erógeno de tantos mitos e rituais mundiais (GEERTZ, 1989, p. 111).

Ainda no tocante à etnografia, foram-nos basilares os estudos de Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão, que primaram, respectivamente, pela investigação da religiosidade do santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia e do santuário de São

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Francisco das Chagas do Canindé, no Ceará. Para Steil e Brandão concomitantemente ao historiador Riollando Azzi, as devoções católicas do Brasil quase sempre nascem de formas espontâneas, como verificamos no caso da devoção à *Menina Sem Nome*.

Para além da devoção, interrogamos os entrevistados acerca do que sabiam sobre o crime. São várias as histórias coletadas e diante desta multiplicidade de relatos, conhecimentos no âmbito da História Oral podem nos favorecer. Muitos dos questionados acompanharam a repercussão do crime à época que ocorreu. Para análise de tais depoimentos colhidos, Montenegro pode nos orientar, quando diz:

Mas se a seletividade é própria da memória, não se pode esquecer que o narrador ao relatar sua memória também opera com a seletividade. Nesse sentido, nenhum relato de memória é total, pois o entrevistado em função de uma série de injunções do presente realiza recortes, desloca sentido, institui silêncios de forma a produzir por meio de palavras uma narrativa que atenda aos interesses e desejos do presente. (Apud FLORES; BEHAR, 2008, p.196)

Aos que não vivenciaram o tempo do crime, resta absorver a história da pequena morta mormente através de relatos orais. Os fiéis também repassam os milagres que acreditam ter alcançado, e desta forma a devoção é disseminada.

### **Considerações Finais**

Este artigo aponta os primeiros resultados de uma pesquisa a ser concluída no final de 2010. Objetivamos apresentar os dados iniciais de nossa investigação, onde verificamos o aumento anual do fluxo de devotos que acorrem ao sepulcro da *Menina Sem Nome*. A continuidade das pesquisas sistemáticas acerca deste fenômeno resultará na compreensão das práticas devocionais neste espaço, contribuindo, desta forma, para o campo da História das Religiões e Religiosidades.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

**FONTES PRIMÁRIAS**

**Jornais**

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/06/1970.  
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28/06/1970.  
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 26/06/1970.  
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30/06/1970.  
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11/07/1970.  
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29/07/1970.  
DIÁRIO DE PERNAMBUCO 03/11/1973.  
JORNAL DO COMMERCIO, 03/11/1973.  
JORNAL DO COMMERCIO, 03/02/1984.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZZI, Riolando. **A Crisandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987.

BRANDÃO, Sylvana. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil**. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.

\_\_\_\_\_. **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, v. I-IV.

FLORES, Elio Chaves; BEHAR, Regina. “Memórias, Percursos e Reflexões: com Antônio Torres Montenegro”. *Saeculum – Revista de História*, V.18, João Pessoa, Jan/Jun. 2008, p. 196.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 6.ed. – São Paulo: Editora Contexto, 2007.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Catolicismo e cultura**. In: VALLA, Victor Vincent (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DR&A, 2001, p. 10.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

---

ISSN 2176-4514